

## ACTA APPIANI: UMA LEITURA DO PAPIRO ALEXANDRINO

Tradução e comentários de Joana Campos Clímaco<sup>1</sup>

*P. Yale ii. 3 ff.*

*Apião: ‘... quem ao mandar o trigo (?) para as outras cidades, o vende por quatro vezes o seu preço, com o intuito de recuperar seus gastos.’*

*O imperador disse: ‘E quem recebe esse dinheiro?’*

*Apião disse: ‘Você’*

*O imperador: ‘Você está certo disso?’*

*Apião: ‘Não, mas é isso que temos ouvido.’*

*O imperador: ‘Você deve ter espalhado a estória sem estar certo disso. (Eu digo.) executor!’*

*Enquanto Apião estava sendo levado para a execução ele notou o corpo de um morto e disse: ‘Ah, homem morto, quando eu for ao meu país eu devo contar ao Heracliano.’*

*(P. Oxy. 33)*

*Meu pai e ...’ E quando ele estava dizendo isso, ao se virar ele viu Heliodoro e disse: ‘Você não tem nada a dizer, Heliodoro, comigo sendo levado à execução?’*

*Heliodoro disse: ‘A quem poderemos falar, se não temos ninguém para escutar? Vá, meu filho, para*

*a sua morte! A sua glória será morrer pela sua cidade nativa mais querida. Não fique angustiado!’*

*O imperador (então) chamou Apião. O imperador disse: ‘Agora você sabe com quem está falando, não sabe?’*

*Apião: Sim, eu sei. Apião está diante de um tirano.’*

*O imperador: ‘[Não], de um rei.’*

*Apião: ‘Não diga isso! Pois seu pai, o divino Antônio, era adequado para ser imperador. Escute: primeiramente ele era filósofo, em segundo lugar ele não era avaro, em terceiro, ele era bondoso. Mas você tem justamente as características opostas: você é tirano, desonesto e grosseiro!’*

*César (então) ordenou que ele fosse levado embora para a execução. Quando Apião estava sendo levado, disse: ‘Me garanta ao menos uma coisa, meu senhor César.’*

*O imperador: ‘O que?’*

*Apião: ‘Garanta que eu possa ser executado com minhas insígnias nobres.’*

*O imperador: ‘Está garantido’*

*Apião (então) pegou a sua faixa e a colocou na cabeça, e ao colocar os sapatos brancos em seus pés,*

<sup>1</sup> A autora é doutoranda em história na USP.

se lamentou no meio de Roma: ‘Venham, romanos, e contemplem um espetáculo único, um alexandrino ginasiarca e embaixador sendo levado à execução!’

O *evocatus* imediatamente correu de volta e reportou isso ao imperador, dizendo: ‘Você permanece estático, meu Senhor; enquanto os romanos murmuram de reclamações?’

O imperador: ‘Sobre o que eles estão reclamando?’

O cônsul: ‘Sobre a execução do alexandrino.’

O imperador: ‘Traga ele de volta.’

Quando Apião tinha entrado, ele disse: ‘Quem foi que me chamou agora quando eu estava novamente me direcionando para a morte e ao encontro daqueles que morreram antes de mim, Theon, Isidoro e Lampo? Foi o Senado ou você, seu chefe de brigada?’

O imperador: ‘Apião, eu estou acostumado a dar uma lição naqueles que se enfurecem e perdem toda a noção da vergonha. Você deve falar apenas conforme eu lhe permitir.’

Apião: ‘Em nome da sua sorte, eu não estou enfurecido e nem perdi a noção, mas quero me pronunciar em nome da minha nobreza e de [meus privilégios].’

O imperador: ‘[E quais são?].’

Apião: ‘De categoria nobre e ginasiarca.’

O imperador: ‘Então [afirmas] que eu não tenho destaque?’

[Apião: ‘Isso] eu não sei; eu estou apenas reportando em nome da minha própria nobreza e privilégios.’

[O imperador]: ‘Você não sabe então que...?’

Apião: ‘Se você realmente não souber a [verdade], eu te informarei. [Primeiramente, [César] salvou Cleópatra ... teve controle do império e, como alguns [dizem], tomou posse.... ‘

Nosso objetivo nesse breve comentário é localizar o documento citado dentro de seu contexto e propor algumas possibilidades de interpretação sobre

a fonte. Antes de nos focarmos no texto dos *Acta Appiani* propriamente dito, faremos algumas considerações sobre o contexto de sua produção e a respeito do conjunto de fragmentos de papiro de que faz parte, os *Acta Alexandrinorum* (Musurillo, 1954).

Dez anos depois de sua fundação por Alexandre o Grande em 331 a.C., Alexandria torna-se capital do Egito (substituindo a antiga capital faraônica Mênfis), além de sede da nova dinastia ptolomaica. Em quase trezentos anos de governo ptolomaico, a cidade se firmou como um grande centro cosmopolita de enorme destaque cultural e comercial no Mediterrâneo. Com a expansão do poderio romano, a cidade era já considerada a segunda mais importante do mundo helenizado, justamente pela sua posição estratégica para a comercialização, e a influência cultural exercida pelo seu Museu e Biblioteca, que atraíram para a cidade elementos de grande destaque intelectual de todo o mundo mediterrâneo.

A fundação de Alexandria por uma elite helenizada e a dedicação dos primeiros ptolomeus à sua construção e embelezamento, além de concederem à cidade instituições tipicamente gregas, a caracterizam como uma espécie de *polis* dentro do Egito. Mas sua composição cosmopolita e a força da tradição egípcia mais antiga, além da cidade ser sede de uma dinastia real, já são fortes elementos que esvaziavam a sua caracterização como uma cidade-estado grega (DAVIS, 1951, p.48). No entanto, apesar de limitado pelo poder real/macedônio, a cidade conquistou grande autonomia de decisões no período ptolomaico e a cultura grega foi constantemente reforçada e estimulada pela dinastia.

Com a derrota de Cleópatra e Marco Antônio em 31 a.C. por Augusto, a era ptolomaica chega ao fim e Alexandria entra decisivamente na esfera de influência imperial, tornando-se a capital da província romana do Egito. A princípio o poder imperial foi bem aceito no território através da aproximação romana das elites de origem grega e mais privilegiadas de Alexandria, além de uma série de estratégias para manter o Egito próspero e pacífico, principalmente no séc. I d.C. No entanto, aos poucos, os alexandrinos começam a ressentir várias mudanças trazidas à cidade pelos novos líderes, principalmente a perda de sua autonomia política, já que a autoridade maior estava agora representada pela lei romana. Além disso, intensificam-se também os

conflitos por *status* entre seus diversos grupos sociais, principalmente entre alexandrinos (representados pela elite grega) e judeus, já que estes começam a conquistar privilégios antes restritos àqueles. Assim, os *Acta* teriam sido produzidos nesse momento, talvez com a finalidade de criticar ou, ao menos, questionar algumas estratégias de poder romano, sempre realçando a importância de Alexandria e seus cidadãos. A importância dos *Acta* se justifica por nos fornecer elementos para compreender como a romanização foi recebida, entendida e retratada pelos alexandrinos.

Os *Acta Alexandrinorum*, também conhecidos como *Atos dos Mártires Pagãos*, ou *Atos dos Alexandrinos* são textos referentes à Alexandria nos dois primeiros séculos de domínio romano. O que dispomos de tal literatura se restringe a alguns fragmentos de papiro, dentre os quais alguns apresentam mais de uma versão. São textos escritos em grego, em geral no verso de documentos e registros burocráticos (a maioria registros de terras) de períodos um pouco anteriores. O estado lacunar da maior parte dos textos é crítico, mas de alguns ainda é possível uma reconstituição e comentários. Já os escritos muito fragmentários são mais difíceis de situar e qualquer posicionamento e interpretação são arriscados, mas mesmo assim dão pistas de conteúdo e temas tratados. Cada texto ilustra um episódio isolado e o conjunto da documentação cobre um período aproximado de duzentos anos, entre os Principados de Tibério e Cômodo.

O agrupamento dos pequenos fragmentos de papiro, resultando em sua caracterização como corpo textual intitulado *Acta Alexandrinorum* foi obra de seus editores em fins do séc. XIX e início do XX. A partir de 1895 inicia-se uma “era” de descoberta de papiros no Egito, pela *Egypt Exploration Society*. Os maiores achados foram desse mesmo ano e de 1903, em meio a pilhas de lixo de Oxyrrhynchus. A partir daí, e com

descobertas mais modestas na primeira metade do século, em diversos locais do Egito, os documentos começaram a ser analisados e editados. Esse processo, devido às dificuldades da época, foi lento e os diversos escritos foram sendo disponibilizados num núcleo muito restrito de estudiosos. A partir do momento que os textos se tornaram acessíveis ao círculo acadêmico, alguns dos seus editores começaram a discutir uma possível identidade entre alguns dos documentos e levantaram a hipótese da existência de um gênero textual em meio à dispersão. Assim, o agrupamento dos *Acta*, sua definição e nomenclatura, resultando na sua caracterização atual como um conjunto documental foi obra de seus editores.

Em virtude da falta de acesso à maior parte das primeiras edições sobre os documentos e ao seu contexto de descoberta e publicação, além da escassez de obras que tratem especificamente do tema, dependemos excessivamente da obra de Herbert Musurillo, *Acts of the Pagan Martyrs*. Especialmente no que se refere aos dados técnicos referentes ao processo de reconstituição, publicação, edição, local e data de descoberta dos textos. Dessa forma, sua obra o tornou o maior especialista dos papiros, pois reuniu os textos, novos e antigos, e os organizou e publicou de forma mais acessível aos estudiosos modernos<sup>2</sup>.

Vimos que a preocupação dos acadêmicos no ambiente de edição, publicação e agrupamento dos escritos era classificar e categorizar os textos, ou seja, realçar e expor suas semelhanças. A afinidade entre os vários papiros se refere à forma, estrutura e principalmente às motivações, já que a maioria descreve episódios de alexandrinos em embate com o poder romano. No entanto, a disparidade entre eles, em relação a pontos centrais, é visível em alguns momentos, portanto é arriscado qualquer tipo de generalização que tente definir a natureza e o propósito dos documentos como uma unidade de textos. Ou seja, deve-se ter

<sup>2</sup> O autor revisou edições anteriores dos textos, que considerou precipitadas em muitos momentos, e propôs uma versão mais colada ao texto grego e com menos interpretações do que poderia estar presente nas lacunas, como fez seu antecessor Von Premerstein, seu alvo maior de críticas. Sua proposta para os textos é mais cuidadosa no sentido de só traduzir realmente o que faz sentido como frase. Isso é verdade para os textos já editados e publicados, a partir dos quais ele propõe uma nova tradução, edição e depois de tudo, interpretação, categorização e crítica dos textos, mencionando também a importância de seus antecessores em todas as etapas anteriores. Mas ele também sugere a edição de textos antes não trabalhados, resultado de novas descobertas da sua época. Alguns mais fragmentários e dúbios ele não traduz, mas os publica, transcreve e inclui algumas notas filológicas, baseado na edição de seus antecessores. Nesse cuidado por vezes excessivo, ele deixou de fora partes que, apesar da impossibilidade da reconstituição mais precisa, ao menos fornecem importantes pistas a respeito do conteúdo.

cautela ao se referir aos *Acta* como um grande “bloco” ou gênero e ter em mente que o próprio agrupamento das fontes e sua nomenclatura são artificiais, daí as tentativas de definições gerais serem arriscadas.

A análise paleográfica dos textos indicou que foram compostos entre o final do séc. II e início do III d.C.. Mesmo que os escritos sobreviventes sejam cópias de originais anteriores, a existência de tais versões posteriores sugere que ao menos a popularização e divulgação foram mais tardias do que sua produção. Apesar de os escritos terem sido encontrados em diferentes locais do Egito, todos eles aludem à Alexandria. A variedade de locais em que a documentação foi encontrada é um fator que indica uma, ainda que restrita, circulação e divulgação dos textos. Propõe também um ímpeto de expandir certas idéias correntes na cidade para além dos seus limites. Mesmo que os originais tenham sido produzidos lá (e pela precária sobrevivência dos vestígios da cidade não tiveram condições de preservação), teriam sido posteriormente copiados e então, atingido outros locais. De alguns textos sobreviveram mais de uma versão, com leves alterações, sugerindo cópias e reedições, ou ainda, alterações dos originais. As diferentes recensões de um mesmo texto são mais um indício de que os documentos tiveram repercussão no meio em que circularam.

Temos poucos elementos para analisar a questão das autorias dos textos, mas pela unidade de propósitos em determinados pontos, acredita-se que o conjunto seja obra de um grupo estruturado e coeso de Alexandria, que pretendia se posicionar e propagar certas causas num meio restrito. O mais provável é que o grupo a quem se pode atribuir a sua autoria seja a elite grega do ginásio de Alexandria, já que menções e exaltações a eles estão presentes em quase todos os fragmentos.

Se comparado aos outros fragmentos que compõem os *Acta*, os *Acta Appiani* são um grande texto e está substancialmente completo, apresentando poucas lacunas. Seu estado de preservação favorável nos permite ler com mais tranquilidade, ter maior controle da narrativa e, por isso, entender melhor o que estaria se passando naquele contexto. O escrito consiste de dois fragmentos que se referem ao mesmo episódio e devem ser lidos na seqüência. A

reconstituição do texto é muito interessante, daí ser oportuno mencioná-la para ilustrar um pouco a complexidade do trabalho realizado por esses editores num período em que a papirologia era uma ciência completamente nova e ainda buscava sua metodologia própria. Os dois textos foram escritos numa mesma tira de papiro resultante da junção de pedaços menores, que tinham sido descartados e posteriormente cortados e colados para a reutilização. O primeiro e maior (*P.Oxy.33*), que mede 15 x 44.7 cms., foi encontrado em Oxyrrhynchus e primeiramente publicado em 1898 e reeditado por Wilcken, V. Premerstein e H. Lietzmann em 1934. Essa parte consiste de quatro colunas e do início de uma quinta, escrita no verso de um registro de propriedades de Oxyrrhynchus. Algum tempo depois, foi encontrado dentre um lote bargainado pela Yale University (também proveniente de Oxyrrhynchus) o outro fragmento da mesma tira (*P.Yale Inv. 1536*).

O pequeno fragmento (de 15 x 14.5 cms.) foi publicado pela primeira vez em 1936 por C. Bradford Welles e contém partes de duas colunas, que estão no verso de um registro de propriedades de terra no reinado de Cômodo. Da primeira coluna, nada se lê, mas a segunda está relativamente completa, embora mais lacunar no início. O fragmento foi revisado por Korte (1938) e Hombert (1939) e ao descobrir a ligação entre os dois pedaços, os editores sugeriram que o *P. Yale Inv. 1536* seria, então, o início do texto, do qual o *P. Oxy. 33* seria a seqüência. A escrita do relato foi atribuída à primeira metade do séc. III e o episódio se situa no reinado de Cômodo (1800 192 d.C.), conseqüentemente seu contexto de escrita é mais próximo do evento que narra, se comparado aos outros documentos dos *Acta*.

Os *Acta Appiani* narram o julgamento de Apião, aparentemente já condenado à morte, mas que ainda tenta se fazer ouvir pelo Imperador e reforçar algumas idéias. O nome do soberano não é mencionado e ele é citado no texto como César, mas alguns elementos do documento não deixam dúvidas de que se trataria de Cômodo. O longo diálogo entre César e Apião está estruturado em discurso direto e intercalado de notas narrativas. Chama a atenção nesse texto (mais que em todos os anteriores) o explícito tom abusivo e desafiante ao Imperador, expresso na fala abertamente ofensiva de Apião. O documento é também importante por ser

talvez a “ponte” que liga todos os outros escritos e ajudam a definir e agrupar essa literatura.

*Os Acta Appiani* são o último texto em escala cronológica e de contestação mais evidente a um Imperador, Cômodo. Após a leitura do texto, faremos aqui algumas considerações sobre o seu conteúdo. Vimos que já na sua primeira fala, Apião faz uma grave acusação ao soberano de forma direta e sem rodeios; ele expõe ao Imperador o problema da supervalorização que estaria ocorrendo com a exportação de trigo. César demonstra não entender do que Apião está falando e pergunta quem estaria recebendo esse dinheiro. O alexandrino não hesita e acusa o próprio Cômodo de estar recebendo, ou seja, acusa-o de estar tirando proveito dos lucros da importação romana de trigo do Egito. O Príncipe parece não aceitar a denúncia e faz a pergunta para se certificar de que uma grave acusação como essa estava sendo dirigida a ele. O alexandrino confessa não ter certeza, mas afirma que é o boato que estaria circulando, o que torna a denúncia ainda mais grave e desafiante, pois mesmo sem certeza, Apião lança a acusação, algo inconcebível em outros tempos do Império. Nesse momento, o diálogo é interrompido pelo pedido de Cômodo para levar o alexandrino à execução e o narrador entra em ação, acrescentando um conteúdo dramático ao episódio, dizendo que no instante em que Apião estava sendo levado à execução ele vê o corpo de um morto. Claro que a referência seria a alguém morto pelas autoridades romanas e poderia servir para realçar a crueldade e facilidade com que as execuções eram realizadas.

A continuidade do texto (no outro fragmento) começa com a fala de Apião perguntando a Heliodoro se ele nada faria ao vê-lo ser levado à execução. Este encoraja Apião a enfrentar a morte. Provavelmente a intenção do trecho é mostrar que a decisão do Imperador já estava tomada e que, diante disso, não havia mais nada a se fazer, já que ele não mudaria sua sentença. Esse pedaço do texto tem o intuito de glorificar a sua morte; morrer em nome de Alexandria e por um ideal. No entanto, Apião precisa ser encorajado para enfrentá-la, a prontidão para encarar o fim não está presente. Depois da exaltação de sua própria nobreza, o Príncipe pergunta a Apião se ele sabe com quem está falando e este mais uma vez o desafia.

Nesse pequeno trecho, parece ser usado um artifício retórico, já que é o Imperador que dirige a pergunta a Apião e este se aproveita para dizer o que já estaria planejando. Cômodo mais uma vez afirma sua autoridade e posição de poder, mas Apião insiste nas suas ofensas e retoma novamente tudo que já vinha dizendo do Príncipe da forma mais clara e direta. Este chama novamente o executor pelo contínuo tom abusivo de Apião, que ainda faz um último pedido. Pelos elogios ao antecessor de Cômodo (seu pai Marco Aurélio), tem-se a impressão que a crítica de Apião não é generalizada contra o poder imperial, mas especificamente contra aquele reinado.

Depois de sucessivos embates com o Príncipe, Apião pede a ele que possa ao menos ser executado com suas roupas nobres (provavelmente a vestimenta dos membros do Ginásio), o que o Imperador concede. Nesse momento, o objetivo parece ser o de realçar a nobreza da posição do alexandrino, para que ficasse para a posteridade. E com o intuito de ter seu pedido aceito, o alexandrino volta a se dirigir ao César num tom respeitoso.

Segue uma nota narrativa carregada de dramaticidade, quando o narrador realça que os romanos estavam horrorizados com um alexandrino sendo levado à execução. Aqui o autor aproveita para propagar várias idéias: a insensatez do Imperador e a falta de clemência do poder romano e também, a importante posição da cidade e dos membros do Ginásio. O tom do texto é de que isso é o “cúmulo do absurdo”: não apenas um alexandrino, mas membro do Ginásio sendo levado à execução. Tal objetivo fica mais nítido ao descrever a perplexidade dos romanos que estavam presentes no cenário; o oficial imperial reclama da falta de atitude do Imperador diante do ato de Apião, que comoveu a todos. Solicita ainda ao Imperador que faça alguma coisa (subentende-se, não condenar Apião). Com isso, o trecho destaca a falta de legitimidade das atitudes do Imperador mesmo entre os romanos, já que a morte de um alexandrino os teria comovido também.

O Imperador manda Apião ser trazido de volta e este responde de forma visivelmente dramática. O trecho tem um forte apelo dramático, quando faz referência aos outros alexandrinos mortos pelos romanos. Trata-se do único texto dos *Acta* que faz referência a personagens alexandrinos de julgamentos

anteriores. Theon, Isidoro e Lampo são lembrados como exemplos de coragem e honra, e também como provas da falta de clemência da lei romana. Esse pedaço pode ser a chave que liga esse escrito aos anteriores e os caracteriza, senão como um gênero, ao menos como documentos que se articulam de alguma forma e tinham um ideal e público comuns. Pretende-se com isso, ilustrar também a união do grupo alexandrino, por meio de todos os condenados pelo Império.

Na seqüência, o Imperador afirma que estava acostumado a castigar aqueles que tinham perdido a noção do respeito e o desafiavam, como era o caso de Apião. Provavelmente sua fala se refere também aos outros alexandrinos condenados pelos romanos, todos devidamente castigados pelos seus atos desrespeitosos e desafiadores. Cômico realça mais uma vez que Apião devia falar apenas segundo sua autorização e adverte o alexandrino de não estar respeitando sua autoridade. Prossegue a discussão entre os dois até que o Príncipe acusa o alexandrino de o estar desafiando insistentemente e de ter perdido todo o pudor, e o avisa para se pronunciar apenas quando lhe fosse permitido. Apião responde novamente mencionando o seu *status* nobre.

O Imperador recebe as considerações de Apião como ofensa, pois ao enfatizar sua posição nobre ele poderia estar sugerindo a ausência de nobreza do Príncipe, que assim compreende a fala do alexandrino. No entanto, não parece ser essa mensagem que o alexandrino estaria querendo transmitir nesse momento. Aqui o objetivo era, principalmente, realçar a importância dos membros do Ginásio. Pode tratar-se de mais um artifício retórico, já que o autor coloca na boca do Imperador coisas que Apião não disse, como se o Príncipe já percebesse a denúncia do alexandrino antes mesmo de acusá-lo diretamente.

É curiosa a menção a César e Cleópatra no final do texto. Talvez o alexandrino estivesse lembrando o Imperador da proeminência que a elite da cidade deveria ter diante dele, devido à aproximação entre César e Cleópatra. Pois a partir daí, Alexandria deveria ter sempre uma importante posição dentre os imperadores. E quando Apião demonstra que o Príncipe não estava informado sobre a questão, provavelmente o está lembrando da relevância de pessoas como ele próprio.

Outra possibilidade nesse trecho é o intuito de evidenciar novamente, mesmo que de maneira sutil, a ignorância do Imperador, daí a alusão ao episódio de César e Cleópatra. Ou seja, Apião informaria o Imperador sobre o “começo de tudo”, sobre o momento decisivo na história Alexandrina. Nesse sentido, é Apião, alexandrino e ginasiarca, a fonte de saber do Imperador. Em suma: pretende-se destacar a sua ignorância até sobre assuntos “chave” do Império e isso seria feito em oposição à sabedoria do alexandrino.

Dito tudo isso, consideramos os *Acta Appiani* como uma importante fonte para se analisar a recepção dos alexandrinos ao poder romano, que ainda é muito retratado na historiografia como um império que quase não teve resistência. Nesse sentido, mesmo que o conteúdo do texto tenha caráter literário e levando-se em conta seus elementos dramáticos e enriquecidos retoricamente, apenas o seu ideal de expandir certo tipo de idéia nesse contexto já é algo muito expressivo. O importante era destacar a situação contemporânea dos alexandrinos para, a partir daí, tentar criar uma conscientização social e política na região. Assim, mesmo que o documento visasse demonstrar a heroicidade de alguns alexandrinos como exemplos de amor pela cidade, seu intuito principal parece ser o de estimular a conscientização no presente e denunciar questões atuais e problemáticas. Percebe-se também no texto, além do intuito de se criticar os romanos, a tentativa de se circunscrever uma identidade alexandrina a mais restrita possível, privilégio apenas de um seletivo grupo de nativos da cidade, que dispunham da mesma herança cultural e nobre. A afirmação da identidade de um grupo de alexandrinos nesse contexto é mais um indicio da intenção, mesmo que sutil, de questionar o comando romano.

## Referência Bibliográficas

DAVIS, Stuart. *Race-relations in Ancient Egypt: Greek, Egyptian, Hebrew, Roman*. London: Methuen & Co. Ltd., 1951, p. 48.

MUSURILLO, Herbert. *Acts of the Pagan Martyrs*. New York: Oxford University Press, 1954.